



CERATITE EOSINOFÍLICA EM GATOS: REVISÃO DE LITERATURA

Gustavo Urbano Colombo^{1*}, Jaqueline Seugling²

¹Discente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade do Sul de Santa Catarina – UniSul – Florianópolis/SC – Brasil – *Contato: urbanogusta@gmail.com

²Docente do Curso de Medicina Veterinária – Universidade do Sul de Santa Catarina – UniSul – Florianópolis/SC – Brasil

INTRODUÇÃO

A ceratite eosinofílica felina (CEF), ou como inicialmente descrita granuloma eosinofílico da córnea, é considerada uma doença oftálmica de caráter crônico¹. Há relatos da ceratite eosinofílica em equinos e coelhos, porém existem poucos casos descritos sobre a conjuntivite nessas espécies^{2,6}. No início dos sinais clínicos é observado na córnea a presença de vasos sanguíneos e de material de cor branco avermelhada. A enfermidade tem caráter progressivo, nos estágios iniciais a córnea lateral ou nasal pode ser afetada, e com o desenvolvimento da CEF toda córnea pode ser afetada. Caso não haja o tratamento correto pode ocorrer perda parcial ou total da visão.^{1,4,7} Não há relatos de pré-disposição de alguma raça em específico para a doença em felinos^{9,4}. O diagnóstico da CEF é confirmado com exames citológicos da córnea. Esse exame confirma a presença de macrófagos, linfócitos, plasmócitos e células polimorfonucleares contendo grânulos eosinofílicos⁷. O tratamento é basicamente tópico com uso de corticoide em situações em que não há presença de infecções secundárias^{1,4}.

Há poucos relatos sobre a patologia na bibliografia brasileira, o presente resumo tem como objetivo trazer informações e tratamentos dessa doença de grande importância na clínica de felinos.

METODOLOGIA

Para este trabalho foi realizado uma pesquisa bibliográfica utilizando plataformas como Google acadêmico na busca de fontes publicadas em revistas científicas utilizando as palavras chaves ceratite, eosinofílica, granuloma e córnea no período da década de 90 até os dias atuais.

ETIOLOGIA E TRATAMENTO

A etiologia da doença é desconhecida⁷. A ceratite eosinofílica felina pode ser uma doença imunomediada ou uma resposta imunológica a alguns estímulos agressores^{4,7}. Há indicações que a herpes felina tem um papel importante como desencadeador da doença e da infiltração corneal por eosinófilos⁵. Pela a análise de materiais oculares de gatos com ceratite eosinofílica através de PCR ocorreu que 76,3% dos pacientes testaram positivo para herpesvírus felino tipo 1 (FHV-1)⁵.

Normalmente a doença apresenta características como; uma massa proliferativa ou grânulos de coloração esbranquiçada a rosada, pode ser originar no limbo, córnea periférica ou conjuntiva bulbar^{4,7}. A localização mais comum no início da inflamação é na região superior temporal da córnea, seguida por lesões na porção ventro-nasal^{4,7}. A córnea pode apresentar edema estromal, úlceras superficiais e vascularização^{4,7}. Blefarospasmos e secreção mucoide também pode acontecer. Em alguns casos, a terceira pálpebra também pode ser afetada e as margens palpebrais despigmentadas^{7,3}.



Figura 1: Aspecto macroscópico da ceratite eosinofílica felina como placas brancas que cobrem parcialmente porções da córnea esquerda. A neovascularização também está presente. (Fonte: Acta Scientiae Veterinariae.)

Em um estudo realizado em 35 gatos afetados com CEF, 97,1% tinham eosinófilos presentes e 71,4% de mastócitos nas amostras

citológicas da córnea, essas células normalmente são ausentes na córnea felina não afetada. Portanto, os sinais clínicos característicos alterações na córnea e resultados citológicos são definitivos no caso de CEF. Linfócitos, e plasmócitos estão menos frequentemente presentes em espécimes, mas eles também podem ocorrer no caso de CEF⁷.

Assim que o diagnóstico da CEF acontecer o tratamento deve ser realizado imediatamente pelo risco em que a progressão da doença pode causar cegueira. Os corticoides são as drogas de escolha no caso da CEF. Tradicionalmente, eles são aplicados topicamente ou sistemicamente^{4,7}. Devido ao conhecimento sobre a presença de DNA de FHV-1 nos casos de CEF, o tratamento com corticosteroides requer cuidado⁸. Drogas imunomoduladoras podem desenvolver reativação de um vírus a partir da latência e piora do estado^{2,4,3,9}. As medicações indicadas são;

- **Corticosteroides tópicos** — utilizar acetado de prednisolona a 1% ou solução oftálmica de fosfato de sódio de dexametasona a 0,1% inicialmente 6 – 12 horas de 5 a 7 dias, depois, 1 vez ao dia durante 2 a 7 dias.^{2,4,3,9}

- Para gatos com difícil tratamento tópico utilizar **corticosteroides subconjuntivais** como acetona de triancinolona 0,1 mL/kg a cada 3 – 7 dias.^{2,4,3,9}

- **Acetato de megestrol** — 2,5 mg/kg via oral cada 24 horas por até 5 dias e depois 2,5 mg/kg via oral a cada 48 horas por até 3 dias.^{2,4,3,9}

- **Ciclosporina** — A cada 8-12 h, com subsequente redução gradual para a frequência mais baixa; pode ser usada em gatos nos quais o megestrol e os corticosteroides tópicos são contraindicados (diabetes, FHV-1 etc.). Pode ser irritante.^{2,4,3,9}

- **Prednisolona sistêmica** — começar com 2,2 mg/kg via oral a cada 12 h e reduzir gradativamente. Utilizar apenas se o gato não tolerar a terapia tópica com corticosteroide, ciclosporina e acetato de megestrol^{2,4,3,9}

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que 76,3% dos pacientes com CEF sejam positivos para FHV-1 é importante que seja aderido a rotina clínica métodos de diagnósticos complementares para estipular o melhor recurso terapêutico, pois, se confirmado FHV-1 é significativa maior atenção na escolha dos fármacos. Além disso, os relatos clínicos indicam que o tratamento pode ser longo e recidivo, por isso é necessário que haja mais estudos e desenvolvimento de métodos eficaz de terapia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Dean E, Meunier V. Feline eosinophilic keratoconjunctivitis: a retrospective study of 45 cases (56 eyes). **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v52. p. 661-666, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1098612X12472181> Acesso em: 14 Mar. 2022.
2. Grinninger, P. et al. Eosinophilic keratoconjunctivitis in two rabbits. **Vet. Ophthalmol**, v15 p.59—65, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1463-5224.2011.00920.x>. Acesso em: 14 Mar. 2022.
3. Maggs, D. et al. *Slatter's Fundamentals of Veterinary Ophthalmology*. Elsevier Inc. v6 p. 18-25, 2008.
4. Morgan R. et al. Feline eosinophilic keratitis: a retrospective study of 54 cases: (1989–1994). **Vet Comp Ophthalmol**, v6. p.131–134, 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1098612X12472181> Acesso em: 15 Mar. 2022.
5. Nasisse MP. et al. Detection of feline herpesvirus 1 DNA in corneas of cats with eosinophilic keratitis or corneal sequestration. **American Journal of Veterinary Research**,



IX Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente

- v597 p.856-858, 1998. Disponível em:
<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/9659551/> Acesso em: 14 Mar. 2022.
6. Ramsey DT. et al. Eosinophilic keratoconjunctivitis in a horse. **J Am Vet Med Assoc**, v.205 p.11-13, 1994. Disponível em:
<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/7698943/> Acesso em: 15 Mar. 2022.
 7. Spiess AK. et al. Treatment of proliferative feline eosinophilic keratitis with topical 1.5% cyclosporine: 35 cases. **Vet Ophthalmol**, v.14. p.113-121, 2009. Disponível em
<https://doi:10.1111/j.14635224.2008.00679.x>. Acesso em: 16 Mar. 2022.
 8. Stiles J, Townsend WM. Feline ophthalmology. In: Gelatt KN, editor. **Veterinary Ophthalmology**. 4th ed. **Ames: Blackwell Publishing**, v52 p.1095–1164, 2007 Disponível em:
<https://doi:10.1016/j.cvsm.2007.12.004> Acesso em: 14 Mar. 2022.
 9. Yamagata M. et al. Eosinophilic keratoconjunctivitis in seven horses. **J Am Vet Med Assoc**, v209. p283-288, 1996. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/8837652/> Acesso em: 16 Mar. 2022.
 10. Quartiero Pereira. et al. Feline eosinophilic keratitis **Acta Scientiae Veterinariae** v37. pp. 393-396, 2009 Disponível em:
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=289021855015> Acesso em: 16 Mar. 2022.